
AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

SUMÁRIO

	Página
1 – Primeira Missa do Padre Fernando em Pouso Alto	2
2 – Mudança da Bebé para Belo Horizonte	5
3 – Recordações	6
4 – Passeio à Belo Horizonte	9
5 – Doença do Zé Ferreira / Casamento da Fatinha e Nino	12
6 – Falecimento do Zé Ferreira	16

Transcrito dos Diários da Tigró por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões, comentários, críticas e/ou complementações (textos, relatos, etc.) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

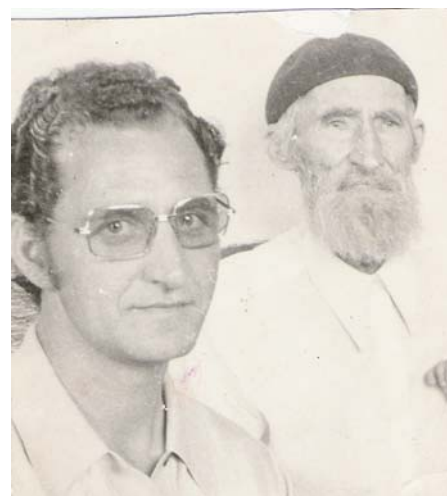
Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 – Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

Capítulos anteriores: ver no site <http://www.espeschit.com.br/books>

criado por Toni, filho do Magno e Abigail.



CAPÍTULO 15 – Primeira Missa do Pe. Fernando em Pouso Alto

1 - Primeira Missa do Padre Fernando em Pouso Alto (Diário da Tigró)

No dia 16 de agosto de 1970 Zélia alugou uma kombi para ir ao Rio ver a chegada do Pe. Fernando, que vem de Roma. Foram Isabel, Zuza, Zélia e as crianças e Maria José. De Belo Horizonte os seis irmãos do Fernando foram ao Rio. Alaíde com os filhos e Pe. Zé e outros padres já estão no Rio.

Isabel me contou que foi uma maravilha a chegada do Pe. Fernando, que ela aproveitou, andou bastante com ele, almoçaram na casa dos padres, começou a matar as saudades do filho. Louvado seja Deus, todos nós estamos jubilosos, seja bem vindo filho querido de Pouso Alto, filho da Bebê, neto do Zotinho, sobrinho do Pe. Zé.

No dia 7 foi aquele festão em Pouso Alto: a chegada e primeira missa do Pe. Fernando. Como foi linda, comovente e deslumbrante. A festa estava muito bem organizada. Correu tudo as mil maravilhas. Todos os pousoaltenses que possuíam carro foram esperar e encontrar com o neo-sacerdote em Capivari. As 3 horas chegou a fila de carros na Praça José Capistrano de Paiva, onde estava reunida uma multidão de pessoas. Na kombi da frente desceu o Pe. Fernando, Pe. Zé, Pe. Mário e mais três padres. A segunda kombi também estava cheia de padres e daí os outros carros foram chegando. Alda dirigindo seu carrinho novo e o príncipe em outro novinho. Miguel Gorgulho e família, os filhos dos outros casamentos do Sr. Paiva ocuparam um punhado de carros. Todos se reuniram na Praça. Repicou o sino. A banda tocou. Fogos estouraram. Houve homenagem com lindos discursos.

Daí todos fomos para a Igreja onde o Pe. Fernando celebrou a Santa Missa. Foi comovente a hora do ofertório, 16 irmãos do Pe. Fernando subiram ao altar levando ingredientes para a consagração. Dos filhos Paiva só faltou a Freira Ir. Antoinette, que não pode comparecer. Na hora da fraternidade o Cônego levou a Isabel ao altar para saldar o filho Padre. O coral da Igreja brilhou, na certa foi bem ensaiado: vozes bem entoadas, educadas, acompanhadas por instrumentos bem tocados, guitarra, clarineta, violoncelo e um outro que não sei o nome.

Após a missa demos graças a Deus e fomos para a casa da Isabel, onde foi servido o banquete. Foi escalada uma turma de jovens garçonetes e correu tudo bem, tudo bem organizado, com fartura, uma delícia. Zélia Paiva ornamentou a casa com seu rico enxoval, agora que eu vi quanta coisa bonita ela fez quando estava noiva: lindas toalhas de banquete bordadas. Os dois filhinhos da Zélia são um encanto, um moreninho e outro lourinho, não dá para dizer qual é mais bonitinho. Papai não quis ir à festa. Disse que ia ficar muito emocionado e sentir muitas saudades da mamãe. Após o banquete Pe. Zé me disse:

- Papai não veio, você quer ir embora, eu te levo, estou de kombi.
- Não só quero, como preciso ir. Papai está me esperando.

Pe. Mário que parece ser imã do Pe. Zé disse que também ia. Viemos os dois padres, eu, Zuza, Landinha e as crianças.

No dia seguinte, domingo, dia 8, aqui foi animado, bastante gente. Pe. Zé deu duas viagens a Pouso Alto. A primeira trouxe a kombi cheia do restante do banqueteda casa da Bebê e a metade do bolo do Pe. Fernando, que a Zélia mandou fazer. Nunca vi um bolo tão lindo e delicioso como este, deu para todos nós saborearmos à vontade.

No carro do Vitor vieram ele, a Zélia com as crianças, Maria José, Bebê e a pagem. Albertino trouxe em seu big carrinho a Alaíde, Zezinho, Olga e Hélio. Pe. Zé lotou a kombi com a Márcia, Marilda, Sebastião, Evaldo, José Nilton, Edmar e Bizu. Alda trouxe tia Carmita, Zezé, João, Silvestre, Eduardo, Miguel Gorgulho e Senhora e filhos. Imagina, estou falando de todos e esqueci do Pe. Fernando que nem com quem ele veio. Esta moda de padre à paisana, a gente até confunde.

Às 5 horas os três padres celebraram a missa no salão do armazém. A noite a turma queria dançar, mas não conseguimos arrumar orquestra. Então foram todos embora, menos os três padres, Isabel e Alaíde que deixaram para irem na segunda feira.



Zezé convidou o Fernando para celebrar nos Pintos. No dia 14 os dois volks da Alda e do Eduardo caminharam velozes rumo aos Pintos. Foram Fernando, Isabel, tia Carmita, Marcelo, Lucinha, eu, Alda e o Eduardo. Lá fomos muito bem recebidos, foi uma beleza os dois dias que lá passamos. Marcelo gostou tanto que até saiu da casca. Bebê desmilinguiu-se recebendo os cumprimentos e os parabéns dos parentes e de suas colegas de infância. Gostei de ouvir a conversa dela com uma amiga de infância:

- Então Bebê, que felicidade você, mãe de um padre!
- É mesmo fulana, e sabe que seu pai cooperou comigo, foi ele que me emprestou um lindo cavalo para eu ir a Pouso Alto conhecer o Zeca.

Todos os Pintenses reuniram-se no adro da Igreja para assistirem a missa. Depois da missa o banquete foi na casa do tio João, irmão do papai, uma delícia. Tia Carmita me disse:

- Isso é que é banquete, lá em Pouso Alto eles pensam que banquete é só arroz, macarrão e leitoa.

À noite foi aquele baile, na sede. O Pe. Fernando dançou a noite toda. Bebê convidou o Rafael:

- Vamos dançar, lembra do nosso tempo?

Marcelo aprendeu a dançar. Alda e Eduardo não perderam tempo. Tia Carmita não dançou, mas gostou de apreciar a moçadinha entusiasmada que lá estava. Tio João me convidou para dançar e me disse:

- Te peço desculpas, porque estou acostumado a dançar com toque de sanfona, agora é só toque moderno, eu custo para marcar um compasso.
- Podemos dançar ritmo antigo tio, eu também sou antiquada.

No dia seguinte as professoras organizaram com os alunos um big teatro contando a infância do Pe. Fernando. Depois do almoço eu, Alda e Lucinha viemos embora. Alda me trouxe em casa e o resto do pessoal ficou nos Pintos para mais festa e para dançar mais uma noite.

No dia 26 à noite acordamos com uma bonita serenata, a voz era do Albertino, e de fato era ele mesmo. Ele nos disse que veio de vez para ficar aqui e engordar porcos e que o Pe. Zé falou para ele criar porcos e juízo.

Papai o recebeu de braços abertos, dizendo:

- Está certo meu caro Albertino, avô é pai duas vezes, pode fazer o mangueiro onde você quiser ou então você compra o do Zé Ferreira que está feito e habitado já com alguns porcos. O que eu te aconselho meu filho, por ter experiência, você trata de vender esse carro e empata o dinheiro em outra coisa, antes que você morra ou mate alguém.



2 - Mudança da Bebé para Belo Horizonte - Dezembro de 1970

No dia 20 de dezembro o Evaldo chegou em Pouso Alto e pediu para sua mãe passar o natal em Belo Horizonte. Ela foi. Zélia mandou dizer para a Zuza ir lá. Papai disse:

- Vai depressa Zuza, Evaldo vai aproveitar a ausência da Bebé e vai jogar as coisa fora e você cata tudo e traz para cá. Vê o que Alaíde não vendeu e também traz para guardar aqui. Fala para o Evaldo respeitar os guardados da mãe, o que para ele não vale nada, para ela é relíquia.

Evaldo sabia que deixar por conta da Bebé, ela nunca ia mudar, mesmo sendo para melhorar. Faltava-lhe coragem de sair da casa Paiva, suas coisas, sua filha casada, seus netos, seu pai já com a idade avançada, ela ir para tão longe.

Zélia e Evaldo resolveram alugar as duas casas, reservando dois quartos para guardar as coisas da Bebé. A sogra da Zélia soube e foi lá brigar com a Zélia, dizendo:

- Por lei você não pode fazer isto, o direito é do Vitor.
- O direito do Vitor, Dona Mariana, é ele me dar uma casa para morar. Esta aqui é da minha mãe e meus irmãos. Pois eu há três anos de casada estou vivendo às custas deles e eles é que estão tratando dos meus filhos. Portanto, se o Vitor não arruma a casa e não dá feijão e arroz para meus filhos, eu também vou com eles para Belo Horizonte.

Dona Mariana contou para o Vitor e ele criou tenência, deu para a Zélia a chave de uma big casa perto da Igreja e também caderneta com ordem franca para compra em padaria e armazém.

Zuza despachou a mudança de Pouso Alto até o dia 31 de dezembro, em três vezes. Veio armários, guarda-roupas, camas, cadeiras, cachote de panelas, roupas novas e velhas. Papai vendo chegar tanta coisa, ficou só falando:

- Ah meu Deus, livra a Isabel de sofrer um colapso. Evaldo está muito precipitado. Por que fazer a mãe mudar sem saber e acabar com a casa em Pouso Alto onde ela reside há 33 anos?

Eu também pensativa, diante de Santa Rita, rezei à Santa dos Impossíveis. Vós conheceis sua serva Isabel, bem sabes que ela em prol de socorrer os necessitados de pão, operou o milagre de Santa Rosa. Estando com o avental cheio de pão para distribuir aos pobres, o enérgico marido lhe perguntou:

- O que leva aí mulher?
- São rosas, Zeca.

E mostrou-lhe, e foi o que ele viu.

Papai estava para ir em Aparecida para assistir o casamento de sua irmã Maria Tereza, mas não tinha um terno de acordo. Bebé lhe disse:

- O Sr. vai com um terno do Zeca, mas ele não precisa saber.

Mas acontece que o Zeca também foi e quando voltou, falou para a esposa:

- O seu pai estava todo alinhado, com um terno muito bonito.

E assim a Bebé sempre foi o baluarte dos pais, portanto ela bem merece ir para a capital e ser muito feliz, e se Deus quiser vai ser.

Bebé veio nos visitar e manifestou seu contentamento na nova moradia.

3 - Recordações - Diário da Tigró - 30 de Março de 1971

No dia 30 de março eu fui a São Sebastião do Rio Verde assinar o Contrato e receber o primeiro pagamento de contratada como roupeira da Escola da Zuza. Daí fui para a casa da Zélia em Pouso Alto. Achei a casa dela muito bem arranjadinha, uma boa empregada, o almoço pronto muito gostoso, as crianças umas gracinhas.

Mas para mim eu estava em outro mundo. Naquela casa morou a Vó Quita, dos filhos da tia Donana, cunhada da vovó Colaca. Eu fui para voltar, mas acabei ficando para vir no dia seguinte. Zélia me deu uns álbuns para ver retratos velhos e novos. Eu vendo os retratos ria e chorava. Quantas recordações e saudades.

Na praça estava um parque e o auto-falante começou a tocar. O Vitinho me pediu para segurá-lo na janela e da janela pude observar toda a cidade da velha Pouso Alto. Na minha imaginação passou um filme. Que filme triste que me fez chorar. Primeiro o ex-beco da calçada, caminho da vovó, hoje fechado, acabou-se junto com o povo que já se foi para o reino da glória. Passou por ali o tio Paulino Vitor, vovó Colaca, tio Joaquim Lúcio, tio Luiz, tio Sebastião, tia Ritinha, mamãe. O Sr. Paiva passou por ali, no dia da sua terceira núpcias de braço com a Isabel e o povão acompanhando, indo para a casa da vovó Colaca, onde foi aquele festão. Olhei o prédio da Farmácia Paiva, até este se acabou, quem diria da Bebê sair daquela casa onde nasceram os seus nove filhos, casa que recebeu com toda pompa os nossos queridos e bem vindos Padres José Negreiros e Fernando Paiva. Olhei a calçada da Igreja e recordei o dia fúnebre que nós prestamos a última homenagem à mamãe.

Pensei na Alaíde, que junto com a mamãe e os dois meninos, morou 6 ou 8 anos na casa em cima da Bebê, toda frozô, chegava na janela para ver o movimento de Pouso Alto, a Praça José Capistrano de Paiva, cujo busto do Sr. Paiva foi inaugurado pelo Prefeito José Pires, ao final do seu mandato, em homenagem ao seu grande amigo. Zé Pires pediu para o Pe. Zé rezar a missa na Praça no dia da inauguração. Os da oposição não apoiaram, mas não podiam desfazer o feito bem feito do Pires, esta beleza de Praça. O Pe. Zé rezou a missa, eu assisti lá de cima da janela do meu quarto. Não teve muita gente, mas não faltou nem um filho da Bebê. Quando a missa estava terminando chegou o Dr. José Paiva e esposa.



Sr. Paiva e Bebê viveram 23 anos casados e criaram 9 filhos, isto foi o maior tesouro que a Bebê herdou, todos bonitos e saudáveis. Todos os filhos nasceram das mãos do seu esposo que era excelente farmacêutico. O Sr. Paiva não ficou doente nem para morrer, teve enfarte aos 83 anos e foi para junto de Deus receber seu merecido descanso.

Agora a casa Paiva está desabitada. Naquela época as duas viúvas Bebê e Alaíde, uma na de cima e outra na de baixo, além dos filhos de ambas, duas filhas da Landinha e uma turma de filhos da Dorinha, lá moravam, além do Sr. Paiva, papai e mamãe, na maior paz e alegria, unidos como bons amigos. A casa dos Paiva superlotou de netos do papai, os filhos da Dorinha, Alaíde e Landinha.

Então a Zélia escreveu contando as novidades para o seu irmão Fernando em Roma, quase padre. Zélia contou na carta:

- Aqui em casa está parecendo uma creche e foi aumentada com mais um menino, meu filhinho Vitinho. E a mamãe é uma criança grande, governando a criançada.

Quando o Pe. Fernando chegou aqui, comentou com papai a respeito da carta da Zélia, falou que não gostou dela chamar sua mãe de criança. Papai lhe disse:

- Está certo, muito bom, Pe. Fernando, sua mãe não é uma criança grande, mas sim uma grande criança. Cristo falou: "Deixai vir a mim as crianças." Isabel é dotada de grandes virtudes, obediência e humildade. Sem humildade não pode haver santidade e sem a obediência não pode haver o amor. Por isso Pe. Fernando, que ela tão bem governou a Casa Paiva e o Sr. Paiva sem lhe dizer "Não quero, não vou, não concordo". Pelo contrário, se a Isabel não fosse resignada, não ia permanecer a casa Paiva e nem vocês, meus netos, filhos dela.

Bebê, viúva, com seus 9 filhos, ela devia ter o nome de Maria Alegria. É verdade que nós cristãos não podemos ser tristes. Bebê nunca manifestou estar zangada, contrariada e triste.



Não foi perdido tudo que a Bebê fez de bom para os pais, pois ela está recebendo em dobro de seus filhos. Na época que despovoou a casa Paiva, após o falecimento da mamãe, o papai veio embora de vez, Alaíde e os dois filhos foram para o Rio de Janeiro. O Evaldo unido com o Tião, Márcia e Marilda, já os quatro formados e capacitados para enfrentarem a vida na Capital, foram trabalhar em BH, alugaram um luxuoso apto e convidaram a mãe para ela deixar Pouso Alto e ir para junto deles. Mas ela ficou indecisa, queria ir, mas ao mesmo tempo não, ela tinha pena de deixar o pai e a Zélia, que embora casada, mãe de dois orvalhinhos, mas todos nós tínhamos uma certa desconfiança do seu esposo por ser um pouquinho grosso. Não resta dúvidas que não foi fácil para a Zélia que três anos de casada morando junto com a mãe, acostumar com a falta dos habitantes da tradicional casa Paiva. Aconteceu que a Bebê mudou de surpresa e o Evaldo e a Zélia, na maior ordem, organizaram tudo, alugaram a casa Paiva e a Zélia, marido e filhos vieram morar aqui nesta casinha.

Nestas alturas o Fernando já ordenado padre, morando no Rio. E como é do nosso conhecimento, a Zélia sendo o braço direito da mãe e dos irmãos e porque não dizer, nosso também, milhares de vezes ouvi o papai me contar:

- Quem pagou a condução para me levar na Estação foi a Zélia e ainda me deu dois cruzeiros para pagar a passagem do trem, e trazer pão para vocês.

Desde quando a Zélia recebeu seu primeiro ordenado, no natal ela era e ainda é o Papai Noel de todos nós, o seu dinheiro faz milagres. Louvado seja Deus, a Zélia está vivendo muito bem em Pouso Alto, com os tigrinhos e o esposo, que pode ser meio grosso, mas é inteligente, prendeu as lições dos bons exemplos da Zélia e pisa firme..

Daí tocou lá na praça onde estava o parque, a música "Jesus Cristo, eu estou aqui". Eu, quando ouço esta música fico meio sem sentidos e estremecida. A Zélia pegou o Vitinho para fazer dormir. Ela me disse:

- A Televisão está estragada. Vai tomar café e a hora que a Sra. quiser dormir a cama já está arrumada.
- Sim, Zélia, já vou, boa noite.

Entrei para o meu quarto, a música tocou de novo. Procurei dormir, sou muito sonolenta. Parecia que eu estava na tonga da mironga. No dia seguinte tomei o ônibus e vim embora.



4 - Passeio à Belo Horizonte - Julho de 1971

Sexta feira santa, dia 9 de abril de 1971, no trem das 8 chegou o Chiquinho com a Terezinha e a filha mais nova. No intervalo dos trens chegou a Zélia com os dois meninos. Eu me esqueci de dar a boa nova. Está correndo um lindo trem direto de Belo Horizonte a Cruzeiro. Às 9 horas ele parou aqui e desceram seis passageiros que enfeitaram a nossa plataforma. O chefe gritou:

- Vocês não estão enganados? Aqui é mato.
- Não estamos não, aqui é a casa do vovô.
- Sei, a semana inteira o trem deixa passageiros aí. Vocês vão quebrar seu avô.

As seis pessoas eram a Bebê e 5 filhos: Márcia, Marilda, José Nilton, Edmar e Maria José. Nossa casa ficou cheia, alegre, vozerio e comentários de todo jeito. Ali pelas 5 horas ouvimos um barulho de carro. A Zuza disse:

- O carro é do Eduardo, na certa é gente nossa.

De fato, era mesmo. Chegou o Eduardo, o Zé e o Silvestre. Todos nós ficamos deveras muito contentes com a presença do nosso Zé. Ninguém deu um pio, não tocamos no assunto de sua saída e nem ele falou-nos a este respeito. Só estavam faltando a Alaíde e a Dorinha. Mas tinham representantes: o Albertino e o Zezinho e Olga.



Ole, Ole, Olá, prepara-te para saber da maior. Que beleza! Que maravilha! Fui passear em Belo Horizonte, e como gostei do passeio.

Dia 1 de julho de 1971 caiu no sábado. Zélia veio aqui e me disse. A Sra. prepara-se para irmos à Belo Horizonte. Falei:

- Zélia, acho meio impossível eu fazer esse bom passeio, mas por todo o efeito, muito te agradeço em me dar preferência como sua acompanhante.
- Não vá me dizer que não.

E ela pôs na minha mão uma caixa dizendo:

- Isso é para a Sra. ir e se não for, me devolve.

Abri a caixa. Veja só, eram dois vestidos lindos, que foram feitos com a minha medida, um finíssimo par de meias, um bonito par de sapatos e roupas de baixo de renda e filó. Papai decidiu o meu embarço dizendo:

- Ela vai, tá certo, tá bom, pode guardar as roupas para ir.

No dia 10, um domingo, embarcamos aqui no trem de aço direto à Belo Horizonte. Saímos daqui às 4h da tarde e segunda as 7 da manhã chegamos. Fomos eu, Zélia, os dois meninos e a Terezinha da Landinha. Como gostei. Que passeio maravilhoso. Que viagem gostosa. Zélia levou cobertor e almofada, as poltronas do trem são muito confortáveis. As crianças logo dormiram. Zélia e Terezinha também. Mas eu com sono e possibilidades para dormir não quis, para admirar tanta maravilha. A noite estava com lua, dava para distanciar a vista em campinas e montanhas disfarçadas e bem perto uma da outra, belas cidades, não decorei os nomes delas todas, mas as apreciei com prazer. Teve uma que eu quase acordei a Zélia pensando que já era Belo Horizonte pela beleza da cidade. Só me sosseguei quando o chefe do trem gritou: Divinópolis. Este lugar é tão grande que o trem para duas vezes. Na chegada da nossa bela capital ele para seis vezes, é uma grande cidade. Por fim chegamos na Estação que finalizou nossa viagem.

Zélia chamou um carregador e pediu dois taxes e disse: Edifício Levi. Em poucos minutos chegamos ao Levi. Zélia apertou um botão, abriu a porta do elevador. Eu lembrei do Zé Lôbo que falou que espera o armário que chama elevador subir e descer três vezes para depois ele entrar. Eu não esperei nada, só tratei de pisar firme no rastro da Zélia, eu sempre com muita confiança nela, e com muita razão, pois ela não me deixou para trás, era mais fácil ela esquecer os filhos. Me levou em todos os pontos principais da Capital para eu conhecer toda a beleza.

Descemos do elevador na porta do apartamento. Zélia tocou a campainha. Márcia veio nos receber e com muita alegria nos abraçou dizendo:

- Mãe, olha quem está aqui.

Bebé fez festa e me convidou para irmos à missa e disse para a filha Zélia:

- Você está em casa. Marcia te serve o café e olha as crianças para você descansar da viagem.

Bebé olhou para mim e falou:

- Primeiro nós vamos à missa, depois nós batemos papo à vontade, a Igreja é aqui na porta e logo estaremos de volta.
- Mas Bebé, não há problema de andar aqui? Cuidado comigo mana, sou muito lerda para atravessar as ruas movimentadas.
- Não há perigo Glorinha, já estou habituada e o trânsito é bem organizado.

A Igreja era pertinho, mas custou para chegarmos. Quando cheguei, fiquei encantada, muito bela. Fiz uma fervorosa confissão e comunhão.

Na casa da Bebé, para o almoço, reuniu-se a famosa Turma do Zé, mas desta vez sem o Zé. Tive saudades do Zé. Uma vez ele me disse que gostava muito de Belo Horizonte, e como ele, eu também muito gostei.

Eu da janela me distraía observando o movimento da rua e os edifícios que cercavam o Levi. Uma hora eu chamei a Zélia para ver a criançada na rua:

- Olha, veja aquele menino que vem rumo ao Levi, e calvo, cara continuada.

Zélia deu uma gargalhada:

- O que a Sra. está vendo são os homens descarregando o caminhão.

Os sacos de 60 Kg pareciam ser de 5 Kg.

Zélia me levou na Pampulha, na Avenida do Contorno, Praça Raul Soares e diversos lugares belos e muitas avenidas que não decorei os nomes. Fui num belo parque com todos os encantos naturais:

bonito lago com gaivotas, barquinhos, canoas, belas e bem tratadas árvores e toda a espécie de distração, roda gigante, automóvelzinho, aviãozinho, charretinha de bode para as crianças (os da Zélia gostaram de andar). A Zélia queria que eu escorregasse no tobogã, mas eu fiquei com medo, e não arrependi, pois eu fiquei gelada quando ví a Zélia branca como leite ao regressar da deslizada da dita cuja.

Para ser franca eu gostei do passeio, mas o que mais gostei foi da harmonia e fraternidade que reinam na casa da Bebê. Os irmãos, uns vivem para o outro, um respeita e ama o outro e unidos trabalham.

Como o papai me determinou voltar na sexta feira, tive convite de ficar até segunda, mas obedeci suas ordens. As 5:30 horas da tarde, Zé Nilton nos acompanhou até a Estação. Eu e a Terezinha tomamos lugar no trem de aço direto para casa e sexta-feira as 9 horas da manhã aqui cheguei e foi bom, pois papai estava me esperando e mesmo eu gostando da Capital, eu já estava com bastante saudades daqui de casa, do povo, dos matos, das criações. Pois conhecendo a Capital eu dei mais valor nas maravilhas daqui, das belas árvores que lá admirei aqui também posso admirá-las com o mesmo encanto e com o maior sossego. O dia hoje foi pouco para eu contar as novidades. Deu até para a Alaíde me chamar de bocó:

- E se você for ao Rio, aí é que você não vai saber andar. E as maravilhas do Rio não se comparam com as de Belo Horizonte.
- Sendo assim Sá Laíde, da próxima vez que você for lá, se me permitir, acompanha-la-ei.



5 - Doença do Zé Ferreira / Casamento da Fatinha e Nino.

No dia 25 de abril de 1978, Landinha esteve aqui e me contou que o Zé foi para o hospital tomar soro, que nada para no seu estômago. Landinha está para lá e para cá, no dia 26 foi e dia 27 voltou e me contou que o Zé Ferreira lhe pediu para levá-lo para casa, que o médico disse que ele está joiinha de saúde. Ela o trouxe, mas ele continua bem mal.

No dia 29 Landinha trabalhou o dia todo como servente de pedreiro, jogando telha em cima da casa, que ficou coberta, está pronta a casa, um casarão, só falta o acabamento, fazer o fogão, embelezar e pintar as paredes e o piso.

No dia 03 de maio a Eliana veio avisar a Landinha que o Dr. Delfim disse para ela arrumar os papéis no INPS e levar o Zé Ferreira imediatamente para Belo Horizonte.

No dia 05 de maio a Bebê chegou aqui junto com o Pe, Fernando. Foi uma visita de beija-flor, foram com o Sr. Lorde. Bebê, na saída, me disse:

- Vai no casamento da Fatinha e Nino, te espero lá e levo para você usar o meu conjunto de veludo ou o vestido que eu usei no casamento do Tião e Margarida.

No dia 06 a Landinha despenou os frangos aqui em casa para levar pronto para Itanhandú. Eu e ela embarcamos no trem das 9 horas. Ajudei a levar muita coisa para o almoço. Chegamos lá, já estava tudo em ordem. A Salete firme, um desempenho, resolvendo tudo, organizando as irmãs, arrumando roupas, recebendo e dando atenção para as visitas e olhando o pai toda hora, ele muito emocionado, chorando sempre.

Fatinha já estava vestida e linda para o casamento no Civil às 11 horas. Salete e Landinha fizeram o almoço. Fatinha e nino com uns convidados e parentes do Nino, após o casamento civil, vieram almoçar. Tudo correu bem. As 2 horas Clarinha fez o café e o serviu às visitas. Achei uma belezinha ela fazer isso com perfeição. Ela tem apenas 10 anos. Na hora que estávamos tomando café, chegou a tia Donana com uma filha e o Pe. Fernando. Nesta hora a emoção do Zé Ferreira foi tão grande que ele não pode conter-se e chorou alto quando segurou as mãos do Pe. Fernando.



É claro que nessas alturas eu já estava com cara de onça machucada de tanto chorar. Eu lembrava-me dos casamentos de minhas irmãs, a luta que papai e mamãe enfrentaram. Lembro de tudo direitinho. A Bebê foi a que casou primeiro. Morávamos nos Pimentas e a festa do seu casamento em Pouso Alto, o almoço foi na chácara da vovó Escolástica, um festão. A segunda foi a Dorinha, seu casamento foi em Aparecida do Norte, também foi um festão, no Hotel Negro Rei de Aparecida. Nós morávamos na Chácara Santa Cruz em Pouso Alto. O terceiro casamento foi da Terezinha, foi em Itajubá, um festão na casa da Dorinha. Alaíde, a filha mais velha, foi o quarto casamento, foi celebrado na Igreja Matriz de Pouso Alto e foi um festão na Chácara Santa Cruz de Pouso Alto.

No casamento da quarta filha o tio Niquinho disse ao papai:

- Zotinho, a festa do casamento de suas filhas pode se comparar à festa de casamento de gente rica.
- É verdade meu irmão, mais vale amizade na praça do que o dinheiro na caixa.

Rico o papai nunca foi, pelo seu desapego às coisas terrestres, e ao mesmo tempo milionário pelo seu contento, sua fé viva em Deus e amor e caridade para com o próximo, tudo ele era capaz de fazer, custasse o que custasse, ele fazia à benefício de seu semelhante. Sua maior alegria era alegrar os outros. Eu quando falo papai, me refiro também à minha mãe, porque ela sempre o apoiou e concordou com ele.

Guardo na minha lembrança, em uma festa, o quanto eles davam o melhor que podia haver e quase sem dinheiro. No dia da festa havia um batalhão de convidados e mamãe falou ao ouvido do papai:

- Meu velho, como hei de fazer para todos comerem?
- Põe mais água no feijão Sá Maria, onde come um, come dois ou três.

E todos comiam e ainda sobrava. A água que a mamãe punha no feijão era igual a das bodas de Canaan, que Jesus transformou em vinho.

Eu, na casa da Landinha, casamento da Fatinha, a primeira filha que vai casar, vendo tudo muito bem organizado, um entra e sai de pessoas que chegam e vêm trazendo valiosos presentes para a noiva e abraçavam a mãe da noiva e entravam no aposento onde o Zé Ferreira estava acamado, sem poder sair daquela cama para receber os convidados. É lamentável e triste. Mas um enxame de sirineus ajuda a noiva. Os pais e irmãos enfrentam aquela situação de alegria misturada com tristeza.



Eu confusa mergulhava num mar de tristeza. Compreendo que não está acontecendo com o Zé e Landinha o que aconteceu com meus pais, a maior riqueza, eles com saúde perfeita, fizeram, participaram e festejaram o casamento de suas 5 filhas, não, das 7, porque 2 ficaram para tia-avós. O casamento da Landinha, a quinta e a caçula do Zotinho e Maria, foi em Pouso Alto, um festão na casa da Bebê. Nós já morávamos aqui na Ponte do Carmo.

Também Zotinho e Maria alcançaram a ordenação do seu filho padre, embora que a mamãe já estava doente, mas junto com o papai participaram do festão e a primeira missa do Padre José, caçula, único homem entre os 8 filhos do casal Zotinho e Maria. A missa foi rezada na Matriz de Pouso Alto e a festa em toda a cidade.

Bebê trouxe de BH vários vestidos longos lindos para a Landinha e filhas escolherem para usarem no casamento. Todas vestiram com muita elegância. Salete aprontou a Clara e Cristina, uns longuinhos muito chiques, elas é que carregaram as alianças.

Padre Fernando veio do Rio Grande do Sul para celebrar a cerimônia do casamento. O Pe. Mira de Pouso Alto ajudou o Pe. Fernando a rezar a missa. Pe. Fernando fez uma prática linda, proporcionando um grande conforto espiritual para a família inteira.

Margarida, Marilda e Maria José vieram de BH e trouxeram presentes para a noiva: um aparelho de jantar e uma panela de pressão. O Jair, namorado da Marilda, também veio em seu carro. Estavam também presentes a tia Donana, irmã da mamãe, o Antonio Biazzi, o Joaquim Abraão, a filha do Paulo Paiva, o Afonso e Dona Áurea, que foram os padrinhos de última hora e deram uma bateria de cozinha completa. A Igreja estava muito povoada, superlotou. Dr. José Carlos, primo do Nino, foi quem levou a noiva ao altar. Após a cerimônia e cumprimentos na porta da Igreja, fomos todos à casa da Landinha. Os recém-casados despediram-se e foram para o Rio de Janeiro. Eu, Bebê e filhas e nora despedimo-nos e fomos dormir em Pouso Alto.

Eu, para dizer a verdade, passei o dia todo muito angustiada de lembrar da emoção do Zé Ferreira quando o Pe. Fernando chegou; quando a Fatinha despediu-se do pai e partiu para a viagem de núpcias; quando a Salete chorou e disse que ia sentir uma falta, um vazio aqui em casa sem a Fatinha; quando o Zé Ferreira, segurando as mãos da Bebê as cobriu de lágrimas dizendo:

- Não tenho palavras e nem sei como agradecer você e todos os seus filhos. Bebê, só Deus pode lhe pagar por tudo.

Marilda tirou retrato dos noivos no quarto do Zé Ferreira. Chegamos em Pouso Alto as 9 horas da noite. Logo a Zélia nos serviu um jantar. No dia 7 de manhã eu e a Maria José viemos de ônibus para São Lourenço e de lá viemos de charrete com a Terezinha da Landinha.

No dia 9 de junho de 1978, a Landinha chegou de Itanhandú dizendo que os papéis do INPS estavam prontos, que já veio resposta do Hospital de BH e que ela seguirá com o Zé Ferreira no dia 13. Bebê disse:

- Eu irei com vocês.

No dia 16 Salete contou que telefonou para BH e que sua mãe disse que o pai está passando bem. Também contou da viagem para BH, que o motorista ficou indeciso e nervoso, pois não estava ambientado em rodar na cidade grande e que a salvação foi a Bebê, pois ela conhece BH a palmo e orientou o motorista, providenciou o internamento do Zé Ferreira no Hospital e ao chegar na casa dela, não tinha ninguém em casa, mas a Bebê anda prevenida com as chaves, abriu e entraram. Bebê abriu a geladeira, estava farta, comeram à vontade café, queijo, pão, biscoitos, bolachas, salame, presunto, pastelzinho, coxinha, uma delícia.

Deus dá o frio conforme o cobertor:

No dia 20 chegou carta da Landinha, disse que o Zé está confortado e bem tratado, mas cada vez mais abatido, ela pede para as filhas rezarem para Deus dar forças para ela agüentar essa situação tão difícil. É verdade que isso a Deus pertence. Só Ele mesmo é que pode nos confortar e só Ele sabe até onde podemos chegar e o dia e a hora em que vamos parar. Deus não nos dá o sofrimento além das posses. Senão vejamos:

Alaíde ficou viúva com dois filhinhos, o mais velho com apenas três anos de idade. A felicidade do seu casamento durou apenas quatro anos e meio. Ela, de pé firme, agüentou o baque e agüenta até hoje, com filhos, noras e netos e por que não dizer, com as irmãs e sobrinhos. Ela sempre foi o baluarte, o esteio, o braço direito dos pais. Papai, até na hora da morte me disse:

- Alaíde é sua irmã mais velha, minha filha, quero que você a ame como sua mãe, ela merece todo o carinho e respeito, ela é muito boa filha.

Bebé ficou viúva com seus nove filhos praticamente sem herança, sem renda suficiente para educá-los, e no entanto, hoje, estão todos educados, formados, ricos, bonitos, sadios. Mas para chegar no pé que estão agora, é claro que custou muito esforço e muita confiança em Deus. Bebé nunca desanimou e nem murmurou e nunca faltou-lhes o necessário e até sobrou bastantinho para a Bebé ajudar os outros. Logo após o falecimento do Sr. Paiva, Bebé arrumou o cômodo em sua casa, que antes era a Farmácia Paiva, para depósito do Pão de Ouro, filial da Padaria Matriz de São Lourenço, sendo ela a responsável. Todos saboreavam o pão da Bebé à vontade. Nesta época mamãe já era falecida, papai aqui comigo e Zuza, e todos os dias nós recebíamos o pão da Bebé, o trem das 8 horas da manhã trazia. Então o Paulo Paiva dizia:

- Esse pão da Bebé ainda vai dar um rolo infernal, pois todos comem e ninguém paga.

E assim foi até que a famosa Padaria Pão de Ouro fechou e a Bebé contou para o papai:

- Milagrosamente acertei as contas com o padeiro, paguei tudo direitinho, comemos pão de graça.

Terezinha ficou viúva tendo onze filhos, só quatro maiores ajudando com o trabalho os outros pirralhos. Ela de pé firme e mãos dadas com a filharada, mansa e humilde de coração. Com o poder da oração ela está manobrando com sua luta sem cessar. Já festejou o casamento de quatro filhos e agora até os pirralhos, que já estão crescidinhos, trabalham e ajudam. A primeira vez que a Terezinha recebeu o pagamento da Pensão do INPS que o Chiquinho deixou para ela, ela me disse deixando cair às lágrimas:

- Agradeço a Deus, que não nos desampara. O Chiquinho nunca deixou faltar o pão para nós, ele partiu e não fiquei com as mãos vazias, para distribuir o pão para meus filhos. Embora com o coração pequeno com a ausência dele, me esforço para fazê-lo grande na presença dos meus filhos.

A Dorinha não foi preciso ficar viúva para enfrentar e carregar sua cruz de madeira com enfeites de mármore, ferro, bronze e arame farpado. Mãe de 15 filhos, a cruz ela carrega sozinha sem reclamar e o coração ela reparte pelas quinze bandas. Ela já tem 9 filhos casados: 8 mulheres e 1 homem, e nem sei quantos netos ela já tem.

Eu, que não sou casada e nem viúva, minha cruz é levíssima, tecida de palha, com madeira de embaúva, que só uma casquinha oca igual a coqueiro. Tem época que eu me acovardo, curvando com tão pouco peso, mas quando observo as cruzes pesadas de minhas irmãs, envergonhada oro em desagravo à Deus e agradeço a tão pequena cruz que ele me colocou nos ombros.

6 - Falecimento do Zé Ferreira

No dia 30 junho Salete atende o telefone de BH e ficou sabendo da fatalidade da morte de seu pai José Ferreira, no Hospital de BH e vem para ser sepultado em Itanhandú. Avalio a dor da Salete e a de seus irmãos, não existe o que pode preencher o vazio no lar e em nossos corações a perda de um pai. Mas somos também filhos de Deus que é o Pai dos Pais, Rei dos Reis, o Criador do mundo e da vida eterna.

Salete mandou o Geraldinho nos avisar. Estava aqui a Eliana e o Tião, irmão do Zé, trabalhando na construção da casa. Tião foi avisar os outros irmãos do Zé Ferreira. Eliana, Geraldo e a Zuza foram para Itanhandú. Eu fiquei aqui sozinha. Chamei os meninos do Chico para ficarem comigo.

Estou partilhando com o pesar da Landinha. Estou pedindo à Deus para dar forças e conformidade para a Landinha e filhos. Na certa a Bebê vem junto com a Landinha. Não sabemos a hora que vão chegar hoje e o enterro será amanhã, 1 de julho.

No dia 1 ao meio dia chegaram aqui a Bebê, Zuza, Landinha, Terezinha nossa irmã, Marcelo, Magno, Moacir, Margarete, Sandro, Zélia e filhos, Marilda e um pouco depois o Zé, Lélia e filhas, Alaíde, Neuza filha do Joaquim. Bebê me contou tudo. Ela veio na ambulância da Funerária de BH, junto com a Landinha, o motorista e o corpo do Zé Ferreira. Chegaram sexta-feira à noite em Itanhandú. Salete, muito resignada desde que ficou sabendo do falecimento de seu pai, acendeu as velas, reuniu os irmãos e puseram-se a rezar. Salete com a ajuda do Nino providenciaram e compraram o túmulo. O enterro foi as 8 horas da manhã do dia 1 de julho de 1978. Após a missa de corpo presente na Matriz de Itanhandú, Landinha veio junto com suas irmãs Bebê e Terezinha, que estão fazendo tudo para confortá-la. Alaíde, Zé e Lélia chegaram após o funeral, mas suas presenças confortaram bastante os familiares do falecido.

Zé Ferreira recebeu de Deus a graça de não ser muito prolongado o seu sofrimento, todos que morrem com esta doença sofrem muito.. Landinha me contou que o Zé Ferreira pediu para ela não deixá-lo sozinho no Hospital, porque eu vou morrer, não passo dessa noite, e não passou mesmo. Ele morreu na madrugada do dia 30 de junho com a Landinha ao seu lado.

Landinha ficou aqui na roça até o dia da missa de sétimo dia. Ela e todos os filhos foram à missa em Itanhandú. A Zuza também foi.

